

ESSA PESQUISA ROUBADA QUE NÃO DESEJO A NINGUÉM A NÃO SER A MIM MESMO, AMÉM

Cristiano Bedin da Costa¹

Resumo: O presente ensaio é parte da seguinte crença: não pesquisamos se não roubando. Não escrevemos e não pensamos se não descolando, arrancando e confundindo pedaços, fazendo dos velhos pontos inéditas pontes de vista. Nesse sentido, o feltro de ideias, sons e imagens aqui encarnadas, não faz mais que deixar vestígios de certo *ar impuro* de pesquisa, que insiste em tomar o ontem como hoje e o *dele* como *nosso*. Pensar é criar e criar é pensar de maneira impura, de modo que a pesquisa não se constitui a não ser enquanto um exercício polifônico, ela própria o testemunho de uma indissociabilidade entre o contágio, o pensamento e a criação.

Palavras-chave: Roubo; pesquisa; Deleuze.



Frame do filme *Blow-Up*, de Michelangelo Antonioni (1966).

*Tento acertar na ponta do nariz do meu adversário
porque tento enfiar-lhe o osso no cérebro.*

Mike Tyson

I

Naturalmente, a História representa um entrave. Dela, derivam-se os pré-requisitos: “você não pode dizer isso”. “Você não pode falar em seu nome”. “Não você”. “Ainda não”. Ou então “pode, desde que leia isso”. “E aquilo sobre isso”. “E respeitar isso e aquilo”. “E aquilo outro” (tudo sem torna-lo outro). Falar em nome próprio, então, talvez seja sempre uma ação desrespeitosa, ou, deleuzianamente falando, uma enrabada: você pode se imaginar chegando pelas costas de um autor e lhe fazer um filho, que seria dele, e que seria seu, e no entanto seria monstruoso. Que seja do autor é importante: ele precisa efetivamente ter dito aquilo que você o faz dizer. Ter quisto aquilo que você o faz querer. Ter negado aquilo que você o faz negar. Em suma, ele precisa se reconhecer na cria. E também é preciso que a História não o negue enquanto parte dela. Mas que ela seja monstruosa é também uma necessidade: é preciso passar por descentramentos, rupturas, desvios, quebras, uma vez que aí estará o seu papel, ou melhor, a sua

¹ Psicólogo; Doutor em Educação; Docente no Centro Universitário Univates/Lajeado/RS. E-mail: cristianobedindacosta@hotmail.com.

função na História. Você é a peste. E opera uma pesquisa descarada, portanto. Um desaforo: é isso o que você faz. O descaramento é sua parte, é ele o que você pratica. Imaculada concepção.

II

Quando se pesquisa, a solidão é absoluta. O pesquisador é aquele que está estruturalmente isolado, tal qual uma figura baconiana: afastado dos demais por linhas de escrita, é ao sabor delas que ele poderá ter visões e audições, irá levantar ou abaixar a cabeça, esfregar e assoprar os dedos, avançar e recuar. Em seu atletismo, não deixa de correr para lá e para cá, de empreender novas tarefas, debater-se contra essa ou aquela lufada de linguagem, arquitetar seu pequenino lugar de discurso: é ele, afinal, que terá de dizer Eu. No entanto, essa é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, não povoada de fantasias, mas sim de encontros: com pessoas (mesmo sem nunca tê-las visto), com movimentos, com ideias, com a força de um pensamento. Nada disso depende do relógio ou do calendário. E tudo isso depende de um efeito, de um “*algo se passa entre nós*”, de um “*tem alguma coisa aí*”, de um ziguezague desconcertante. Nesse sentido, um encontro é sempre um duplo-roubo, uma dupla-captura: eu E o outro. Justamente aí. É isso a honestidade, a justeza: Nunca apenas eu. Nunca apenas o outro. O arrancado de mim. Com o arrancado do outro. Pedaco com pedaco. $1 + 1 = dzum$. Um naco estranho. Nada a ver (só) comigo. Nada a ver (só) com o outro. Impensável. Frágil. Indiscernibilidade: Nós, zona mista. Nós, um só nó. & tantos mais. Guisado.

III

Para a prática de pesquisa, os cutelos, portanto.

IV

Roubar é o contrário de plagiar. No plágio, mera trapaça, estou só. Ninguém me sabe. Ninguém me viu. E é necessário que assim seja. No plágio, escondo-me e escondo o outro. Outro que é meu, feito para o meu consumo. Ninguém o sabe. Ninguém o viu. Amantes ocultos somos nós, pecaminoso sou eu. O autor? O autor se busca, porém se blinda, se limba, se burca. Ou então ele, de tão oculto, por vezes, nem sequer sabe do meu amor. Amo-o e não me digo. Amo-o e não me dou. Amo e só. Somos, assim, indeclaráveis.

V

Existem (ao menos) dois textos. O texto que se recebe via leitura e o texto que se executa via escritura. Por certo, ambos os textos são corporais: ler é também fazer o nosso corpo trabalhar, assumir certas posturas, ter preguiça, suspiros ou arrepios inconfessáveis. Ler é querer sair correndo. E sair. E cortar, parar, querer mais ou menos. Posturas essas, aliás, que permitem ao texto manter-se vivo, encontrar novas paisagens, tornar-se parte do contemporâneo (etimologicamente, texto que dizer tecido, ou seja, para quem experimenta o prazer da leitura, o texto é a tessitura dos dias, das horas, dos anos, do corpo, do fim). Se ativo e passivo, então, não são categorias válidas, é porque o que irá definir a especificidade do texto que se escreve, este tipo específico de texto segundo, é a sua condição manual, e que faz com que ele seja, nesse sentido, muito mais sensual. Trata-se de um texto prático, evidentemente, mas isso não é tudo: é ele aquele que tocamos (e-f-e-t-i-v-a-m-e-n-t-e), queremos e podemos tocar, usar, operar por lambuzos. É a ele que ousamos propor a dança. É nesse sentido que ele será ativo, pela aceitação de nosso toque, pela aceitação do contágio, pela

assepsia tornada vã. Se a leitura aponta o dedo, me invade e pode sair de mim ilesa, a escritura, ou melhor, a *escrileitura*, esse prazer de ler convertido em um desejo de escrever, é ato de acasalamento em si. Núpcias inter-reinos. Pecado. Mas não trapaça. Mas não estupro. Nenhuma violência há. Sensualidade, sedução e proliferação: E... E... E... Ter um saco onde coloco tudo o que encontro, com a condição que me coloquem também dentro: dele ou de outro saco.

VI

Rouba-se sempre por amor, ou seja: o enrabamento é uma carícia íntima e amorosa. Não pode (ou ao menos não deveria) ser pensado de outra forma. Ora, para fazer amor, faz-se necessário um corpo. Ter um corpo. Se for o caso, arquitetar, inventar um corpo para si e para o outro. É nesse sentido que, frente à superficialidade do corpo em sua condição pós-moderna, uma pesquisa roubada é sempre algo de deslocado, de fora de moda, de anacrônico. Poderíamos até mesmo ser levados a dizer que ela é, por condição, um gesto obsceno, no sentido que dá a ver algo que até então não tinha papel, não era visível, não era dramatizável, não era tocável. Contra toda liquidez e efemeridade, a escrita é precisa, faz corpo, aponta e mostra a carne: todo larápio, ao oferecer *seus* textos, *seus* autores, oferece também a si próprio, ou seja, faz de si vianda, entrega-se, oferece-se como carne para o abate. Trata-se, portanto, do testemunho de uma existência efetiva, a inscrição das pancadas, dos sopros, das indecisões do corpo: *essa* pesquisa roubada é *isso* onde o corpo reflui sobre si, onde pode, fora de toda dispersão, fazer-se efetivamente presente. Nessa pesquisa roubada, tal como no fazer amor, o corpo, apesar de tudo, está *aqui*.

VII

Declaramos, pois, que além do título bukowskiano, tudo isso foi roubado à mão armada de uma carta escrita por Deleuze a um crítico severo; dos Diálogos entre Deleuze & Parnet; do óbvio, do obtuso e da música prática de Roland Barthes. Citar sempre quis dizer citar-se. Sendo assim, o melhor de mim sou eles.